

# DECLARAÇÃO AOS REVOLUCIONÁRIOS DA ARGÉLIA E DE TODOS OS PAÍSES

Internacional Situacionista  
tradução de Inácio José de Araújo da Costa<sup>1</sup>

Escrito coletivamente pelos membros da Internacional Situacionista, o panfleto *Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays* circulou clandestinamente na Argélia logo após o golpe de Estado empreendido pelo militar Houari Boumedienne contra o então presidente argelino Ahmed Ben Bella em 19 de junho de 1965. Em dezembro daquele ano, foi reimpresso em brochura nos idiomas francês, alemão, espanhol, inglês e árabe. Em março de 1966, foi reproduzido no décimo número da revista *Internationale Situationniste* ao lado de outro texto panfletário situacionista de mesma temática, intitulado *Les luttes de classes en Algérie*<sup>2</sup>.

Em complemento a essa tradução, segue um resumo explicativo sobre os objetivos da I.S., elaborado pelos próprios situacionistas em 1965, publicado originalmente como anexo ao panfleto *Les luttes de classes en Algérie* e à impressão inglesa do texto *Decline and Fall of the Spectacle-Commodity Society* de Guy Debord.

Para essa tradução, além do texto original em francês, foi consultada a versão em inglês traduzida por Ken Knabb. Suas notas de rodapé foram preservadas e aqui estão indicadas pela sigla [N.K.]. As notas de autoria do tradutor estão indicadas como [N.T.].

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); E-mail: [inacio.jc@hotmail.com](mailto:inacio.jc@hotmail.com); [inaciojosecosta@gmail.com](mailto:inaciojosecosta@gmail.com).

<sup>2</sup> *Les luttes de classes en Algérie* recebeu tradução para o português e integra uma antologia de textos situacionistas publicada pela editora Antígona de Lisboa. Cf. INTERNACIONAL SITUACIONISTA. As lutas de classes na Argélia. In: HENRIQUES, Júlio (Org.). *Internacional situacionista - antologia*. Lisboa: Antígona, 1997, p. 187-200.

*"As revoluções proletárias... zombam impiedosamente das hesitações, fraquezas e misérias de suas primeiras tentativas, parecem derrubar seu adversário apenas para permitir que ele extraia novas forças da terra e se erga novamente formidável diante delas, recuam constantemente diante da imensidão infinita de seus próprios objetivos até que enfim seja criada a situação que torne impossível voltar atrás."*

*Marx (O 18 de Brumário de Luís Bonaparte).*

Camaradas,

O colapso da imagem revolucionária apresentada pelo movimento comunista internacional segue, quarenta anos depois, o colapso do próprio movimento revolucionário. Este tempo ganho pela mentira burocrática, somado à permanente mentira burguesa, foi tempo perdido pela revolução. A história do mundo moderno continua seu processo revolucionário, mas inconscientemente ou em falsa consciência. Conflitos sociais em todo lugar, mas em nenhum lugar a velha ordem está liquidada entre as próprias forças que a contestam. Em todo lugar as ideologias do velho mundo são criticadas e rejeitadas, mas em nenhum lugar "o movimento real que suprime as condições existentes" está livre de uma "ideologia" no sentido de Marx: ideias que servem aos senhores. Revolucionários em todo lugar, mas em nenhum lugar a Revolução.

O colapso da imagem benbellista de uma meia-revolução argelina agora ressalta essa falência geral. O poder superficial de Ben Bella representava o momento do equilíbrio rígido entre, de um lado, o movimento dos trabalhadores argelinos em direção à gestão da sociedade inteira e, do outro lado, a burocracia burguesa em formação no quadro do Estado. Mas nesse equilíbrio oficial, a revolução não tinha nada para atingir seus objetivos, ela já estava no museu, enquanto os possuidores do Estado acobertados por Ben Bella tinham todos os poderes, começando pelo instrumento repressivo de base que é o exército, ao poder de jogar fora sua máscara, isto é, Ben Bella. Dois dias antes do putsch, em Sidi Bel Abbès, Ben Bella juntou o odioso ao ridículo ao declarar que a Argélia estava "mais unida do que nunca". Agora ele parou de mentir para o povo e as circunstâncias falam por si. Ben Bella caiu como reinou, na solidão e na conspiração, pela *revolução palaciana*. Ele partiu acompanhado pelas mesmas pessoas com quem viera: o exército de Boumedienne que lhe abriu o caminho para Argel em setembro de 1962. No entanto, o poder benbellista ratificou as conquistas revolucionárias que a burocracia ainda não podia suprimir: a autogestão. As forças tão bem escondidas por trás do "Irmão Muçulmano" Boumedienne têm este objetivo claro: liquidar a autogestão. A mistura do jargão tecnocrático ocidental com o pathos da ordem moral islâmica reforçada, na declaração de 19 de junho, define toda a política

do novo regime: "sair da estagnação geral que já se expressa em queda da produtividade, em rentabilidade econômica decrescente e num desinvestimento preocupante "... ter em conta a nossa fé, as nossas convicções e as tradições centenárias do nosso povo e de seus valores morais".

A impressionante aceleração da história da desmistificação prática deve agora servir à aceleração da história da teoria revolucionária. Uma mesma sociedade da alienação, do controle totalitário (aqui é o sociólogo que vem em primeiro lugar, lá é a polícia) e do consumo espetacular (aqui os carros e os gadgets, e lá a palavra do líder venerado) reina em toda parte, apesar da variedade de seus disfarces ideológicos ou jurídicos. A coerência dessa sociedade não pode ser compreendida sem uma crítica total, esclarecida pelo projeto reverso de uma criatividade liberada, o projeto da dominação de todos os homens sobre sua própria história em todos os níveis. Esta é a reivindicação em atos de todas as revoluções proletárias, uma reivindicação até então sempre derrotada pelos especialistas do poder que se encarregam das revoluções e as tornam sua propriedade privada.

Trazer de volta ao nosso tempo esse projeto e essa crítica inseparáveis (cada um dos termos visibilizando o outro), isso significa imediatamente levantar todo o radicalismo que carregaram o movimento operário, a poesia e a arte modernas no Ocidente (como prefácio a uma pesquisa experimental no caminho de uma construção livre da vida cotidiana), o pensamento da época da superação e realização da filosofia (Hegel, Feuerbach, Marx), as lutas de emancipação desde o México de 1910 até o atual Congo. Para isso, é preciso primeiramente reconhecer em toda a sua extensão, sem reter nenhuma ilusão consoladora, a derrota de todo o projeto revolucionário *no primeiro terço deste século* e sua substituição oficial, em toda região do mundo e em todo domínio, por pacotilhas mentirosas que acobertam e instalam a velha ordem. A dominação do capitalismo burocrático de Estado sobre os trabalhadores é o contrário do socialismo, é a verdade que o trotskismo se recusou a encarar. O socialismo existe onde os próprios trabalhadores administram diretamente a totalidade da sociedade; portanto, não existe na Rússia, na China ou em qualquer outro lugar. As revoluções russa e chinesa foram derrotadas por dentro. Hoje elas fornecem ao proletariado ocidental e aos povos do Terceiro Mundo um falso modelo que na realidade serve de contrapeso ao poder do capitalismo burguês, do imperialismo.

Retomar o radicalismo desta forma naturalmente também implica um aprofundamento considerável de todas as antigas tentativas de libertação. A experiência de sua incompletude no isolamento, ou de sua reversão em mistificação global, leva a uma melhor compreensão da coerência do mundo a ser transformado e, a partir da coerência redescoberta, podemos salvar muitas pesquisas parciais feitas no passado recente, que assim ganham acesso à sua verdade (o conteúdo libertador da psicanálise, por exemplo, não pode ser compreendido nem realizado

fora da luta pela abolição de toda repressão)<sup>3</sup>. A apreensão desta coerência reversível do mundo, como ele é e como é possível, revela o caráter falacioso das meias-medidas e o fato de que há essencialmente meias-medidas cada vez que o modelo de funcionamento da sociedade dominante — com suas categorias de hierarquização e especialização, conseqüentemente seus hábitos ou gostos — se reconstitui no interior das forças da negação.

Além disso, o desenvolvimento material do mundo se acelerou. Ele acumula sempre mais poderes virtuais; e os especialistas na direção da sociedade, pelo próprio fato de serem guardiões da passividade, são obrigados a ignorar seu uso. Este desenvolvimento acumula ao mesmo tempo uma insatisfação generalizada e perigos objetivos mortais, que esses dirigentes especializados são incapazes de controlar a longo prazo. O problema fundamental do subdesenvolvimento deve ser resolvido em escala mundial, primeiramente pela dominação revolucionária do superdesenvolvimento irracional das forças produtivas no quadro das diversas racionalizações capitalistas. Os movimentos revolucionários do Terceiro Mundo só podem ter sucesso por si próprios a partir de uma contribuição lúcida para a revolução mundial. O desenvolvimento não deve ser uma corrida para alcançar a reificação capitalista, mas a resolução de todas as necessidades reais como base para o desenvolvimento real das faculdades humanas.

A nova teoria revolucionária deve acompanhar o ritmo da realidade, ou seja, estar à altura da práxis revolucionária que está surgindo aqui e ali, mas ainda parcial, mutilada e sem um projeto global coerente. Nossa linguagem, que talvez parecerá fantástica, é a própria linguagem da vida real. A história não para de mostrar isso, e cada vez mais fortemente. Se nesta história ainda não se sabe o que é familiar, é porque a própria vida real só aparece sob uma forma fantástica, na imagem invertida imposta pelo espetáculo moderno do mundo: no espetáculo, toda a vida social e até mesmo a representação de revoluções fictícias é escrita na linguagem mentirosa

---

3 "As descobertas da psicanálise, como Freud suspeitou, se revelaram inaceitáveis para a ordem social dominante — ou para qualquer sociedade baseada na hierarquia repressiva. Mas a posição "centrista" de Freud, decorrente de sua identificação absoluta e supra-temporal da "civilização" com a repressão pela exploração do trabalho e, portanto, sua realização de uma pesquisa parcialmente crítica dentro de um sistema geral não criticado, levou a psicanálise a ser oficialmente "reconhecida" em todas as suas variantes degradadas sem serem aceitas em sua verdade central, ou seja, seu uso crítico potencial. Esse fracasso, é claro, não é exclusivamente atribuível ao próprio Freud, mas ao colapso do movimento revolucionário na década de 1920, a única força que poderia ter levado as descobertas críticas da psicanálise a alguma realização. O período subsequente de reação extrema na Europa expulsou até mesmo os partidários do "centrismo" psicanalítico. Os escombros psicanalíticos que agora estão na moda (pelo menos no Ocidente) se desenvolveram todos a partir dessa capitulação inicial, na qual uma verdade crítica inaceitável foi transformada em verborragia aceitavelmente inócua. Ao abrir mão de sua vanguarda revolucionária, a psicanálise se expôs tanto a ser usada por todos os guardiões do sono atual quanto a ser desacreditada por suas insuficiências por psiquiatras e moralistas comuns" (*Internationale Situationniste* n. 10, p. 63)

"Cardan [Cornelius Castoriadis], que aqui como em outros lugares parece pensar que basta falar de algo para tê-lo, vagamente tagarela sobre "imaginação" na tentativa de justificar a flacidez gelatinosa de seu pensamento. Ele se apega à psicanálise (assim como o mundo oficial hoje em dia) como uma justificativa da irracionalidade e das profundas motivações do inconsciente, embora as descobertas da psicanálise sejam de fato uma arma - ainda não utilizada por razões sociopolíticas óbvias - para uma crítica do mundo. A psicanálise investiga profundamente o inconsciente, sua pobreza e suas miseráveis manobras repressivas, que só extraem sua força e sua grandeza mágica de uma repressão prática bastante banal na vida cotidiana" (*Internationale Situationniste* n. 10, p. 79) [N.K.].

do poder e filtrada por suas máquinas. O espetáculo é o herdeiro terrestre da religião, o ópio do capitalismo que alcançou o estágio de "sociedade da abundância" de mercadorias, ilusão efetivamente consumada na "sociedade de consumo".

As explosões esporádicas de contestação revolucionária são respondidas por uma organização internacional da repressão, cuja divisão de tarefas opera em escala mundial. Cada um dos blocos, ou fragmentos centrífugos de blocos, garante em sua esfera de influência o sono letárgico de todos, a manutenção de uma ordem que permanece fundamentalmente a mesma. Esta repressão permanente se estende desde a expedição militar até a falsificação mais ou menos completa que todo poder constituído hoje pratica: "a verdade é revolucionária" (Gramsci) e todo governo existente, mesmo proveniente dos movimentos mais libertadores, baseia-se na mentira por dentro e por fora. É precisamente essa repressão que constitui a verificação mais retumbante de nossas hipóteses.

As tentativas revolucionárias de hoje, por terem de quebrar todas as regras de falsos entendimentos impostas pela "coexistência pacífica" das mentiras reinantes, começam no isolamento, tanto em um setor particular do mundo como em um setor particular da contestação. Elas atacam apenas o aspecto mais imediato da opressão, armadas com a definição mais estreita de liberdade. Assim, elas encontram o máximo de repressão e calúnia (elas são acusadas de recusar uma ordem existente enquanto necessariamente aprovam uma variante existente) e o mínimo de ajuda. Quanto mais difícil for sua vitória, mais facilmente sua vitória lhes é confiscada por novos opressores. As próximas revoluções *só podem encontrar ajuda no mundo atacando o mundo em sua totalidade*. O movimento de emancipação dos negros americanos, se puder ser afirmado assertivamente, questiona todas as contradições do capitalismo moderno; não deve ser escamoteado pela distração do nacionalismo e do capitalismo "de cor" dos "Black Muslims"<sup>4</sup>. Os trabalhadores dos Estados Unidos, assim como os da Inglaterra, opõem-se por meio de "greves selvagens" ao sindicalismo burocratizado que visa antes de tudo a sua integração ao sistema capitalista concentrado e semi-planificado. É com esses trabalhadores, com os estudantes que acabaram de ter sucesso na greve da Universidade de Berkeley que uma revolução norte-americana pode acontecer; e não com a bomba atômica chinesa.

O movimento que conduz os povos árabes à unificação e ao socialismo obteve vitórias contra o colonialismo clássico. Mas está cada vez mais claro que ele deve acabar com o Islã, uma força contra-revolucionária manifesta assim como todas as ideologias religiosas; deve admitir a liberdade do povo curdo; deve acabar com o pretexto palestino que justifica a política dominante nos Estados árabes, uma política com o objetivo de destruir Israel que vem se justificando

---

4 Referência aos membros da Nação do Islã (*Nation of Islam*), grupo religioso de inspiração muçulmana direcionado para os afroamericanos. Dentre os membros mais proeminentes desse movimento, destacou-se Malcolm X (1925-1965) [N.T.].

perpetuamente uma vez que essa destruição é impossível. É apenas um *modelo de sociedade revolucionária realizado pelos árabes* que pode dissolver as forças repressivas do Estado de Israel. Assim como o sucesso de um modelo de sociedade revolucionária no mundo marcaria o fim do confronto majoritariamente artificial entre Oriente e Ocidente, o mesmo aconteceria com o confronto árabe-israelense, este que é uma reprodução minúscula daquele.

As tentativas revolucionárias de hoje estão *abandonadas* à repressão porque nenhum poder existente tem interesse em apoiá-las. Ainda não existe nenhuma organização prática de internacionalismo revolucionário para apoiá-las. *Observamos passivamente* sua luta enquanto apenas a tagarelice ilusionista da ONU ou de especialistas em poderes estatais “progressistas” acompanham sua agonia. Em Santo Domingo, tropas estadunidenses ousaram intervir em um país estrangeiro para apoiar militares fascistas contra o governo legal do kennedista Caamaño<sup>5</sup>, simplesmente por medo de que ele pudesse ser esmagado pelo povo que ele teria armado. Quais forças em todo o mundo tomaram medidas de retaliação contra a presença dos EUA? No Congo em 1960, paraquedistas belgas, forças expedicionárias da ONU e o Estado encomendado pela “União Mineira”<sup>6</sup> destruíram o ímpeto popular que acreditava ter conquistado a independência; eles mataram Lumumba e M’Polo<sup>7</sup>. Em 1964, paraquedistas belgas, aviões de transporte americanos e mercenários sul-africanos, europeus e cubanos anticastristas fizeram retroceder a segunda onda insurrecional dos mulelistas<sup>8</sup>. Que ajuda prática ofereceu a chamada “África revolucionária”? Não teriam mil voluntários argelinos, vencedores de uma guerra muito mais dura, sido suficientes para impedir a queda de Stanleyville? Mas o povo armado da Argélia há muito havia sido substituído por um exército clássico alugado a Boumedienne, que tinha outros projetos.

As próximas revoluções se deparam com a tarefa de *compreender a si mesmas*. Elas precisam reinventar totalmente sua própria linguagem e se defender contra quaisquer recuperações preparadas para elas. A greve dos mineiros asturianos, quase-permanente desde 1962, e todos os outros sinais de oposição que anunciam o fim do franquismo não traçam para a Espanha um futuro inevitável, mas uma escolha: seja a sagrada união que preparam neste momento a Igreja espanhola, os monarquistas, os “falangistas de esquerda” e os stalinistas para adaptar

---

5 Francisco Caamaño Deñó (1932-1973), militar, foi um dos líderes do movimento popular contra a ocupação da República Dominicana por tropas dos EUA e a favor da restauração do governo democraticamente eleito de Juan Bosch [N.T.].

6 União Mineira do Alto Katanga (Union Minière du Haute-Katanga ou UMHK) foi uma empresa mineradora belga que tinha concessão para operar na região rica em minerais de Katanga, atual República Democrática do Congo. Em 1960, apoiou a secessão de Katanga do recém-independente Congo e foi cúmplice do assassinato de Patrice Lumumba, o primeiro primeiro-ministro congolês [N.K.].

7 Maurice M’Polo foi um político congolês que ocupou o cargo de Ministro da Juventude e dos Esportes. Foi executado ao lado de Lumumba [N.T.].

8 Mulelistas: insurgentes congolêses liderados por Pierre Mulele [N.K.].

harmoniosamente a Espanha pós-franquista ao capitalismo modernizado, ao Mercado Comum; ou a retomada e realização do que tinha de mais radical a revolução derrotada por Franco e seus cúmplices de todos os lados: as relações humanas do socialismo foram realizadas, por algumas semanas, em Barcelona em 1936.

Para a nova corrente revolucionária, onde quer que apareça, é uma questão de começar a ligar entre si as atuais experiências de contestação e os homens que as carregam. Trata-se de unificar, ao mesmo tempo que tais grupos, a *base coerente de seu projeto*. Os primeiros gestos da época revolucionária vindoura concentram neles um novo conteúdo, manifesto ou latente, da crítica às sociedades atuais e de novas formas de luta; e também os momentos irredutíveis de toda a antiga história revolucionária deixada em suspensão, que reaparecem como *fantasmas*. Assim, a sociedade dominante, que tanto se orgulha de sua permanente modernização, encontrará com quem conversar porque finalmente começa a produzir ela mesma sua negação modernizada.

Viva os camaradas que em 1959, nas ruas de Bagdá, queimaram o Alcorão!

Viva os Conselhos Operários da Hungria, derrotados em 1956 pelo chamado Exército Vermelho!

Viva os estivadores de Aarhus que, no ano passado, efetivamente boicotaram a racista África do Sul, apesar de sua liderança sindical e da repressão judicial do governo socialdemocrata dinamarquês!

Viva o movimento estudantil "Zengakuren" do Japão, que luta ativamente contra o poder capitalista do imperialismo e o da burocracia dita comunista!

Viva a milícia operária que defendeu os bairros nordestinos de Santo Domingo!

Viva a autogestão dos camponeses e operários argelinos! A alternativa agora é entre a ditadura burocrática militarizada e a ditadura do "setor autogestionário" *estendida a toda a produção e a todos os aspectos da vida social*.

Argel, julho de 1965.

INTERNATIONAL SITUACIONISTA

## anexo

[Resumo de 1965]

A revista *Internationale Situationniste* é a expressão de um grupo internacional de teóricos que empreendeu nos últimos anos uma crítica radical da sociedade moderna: crítica do que ela realmente é e crítica de todos os seus aspectos.

Segundo os situacionistas, um modelo social universalmente dominante, que tende à autorregulação totalitária, é combatido apenas aparentemente por falsas contestações colocadas permanentemente em seu próprio terreno, ilusões que, ao contrário, reforçam esse modelo. O pseudo-socialismo burocrático é apenas o mais grandioso desses disfarces do velho mundo hierárquico do trabalho alienado. O desenvolvimento da concentração capitalista e a diversificação de seu funcionamento em escala mundial produziram tanto o consumo forçado da abundância de mercadorias quanto o controle da economia e de toda a vida pelos burocratas por meio de sua posse do Estado; ou do colonialismo direto ou indireto. Longe de ser a resposta definitiva para as incessantes crises revolucionárias da época histórica aberta há dois séculos, este sistema entrou agora numa nova crise: de Berkeley a Varsóvia, das Astúrias a Kivu, é refutado e combatido.

Os situacionistas consideram que a perspectiva indivisível dessa luta é a abolição efetiva de toda sociedade de classes, com a produção mercantil e o trabalho assalariado: a superação da arte e de todas as aquisições culturais, recolocadas em jogo na criação livre da vida cotidiana, e assim realizadas; a fusão direta da teoria e prática revolucionárias em uma atividade experimental excluindo qualquer petrificação em "ideologias", que são a autoridade da especialização sempre servindo a uma especialização da autoridade.

Os fatores que colocam esse problema histórico são as rápidas expansão e modernização das contradições fundamentais dentro do sistema existente; entre este sistema e os desejos humanos. As forças que têm interesse em resolvê-lo, e as únicas com capacidade para fazê-lo, são todos os trabalhadores sem poder sobre o uso de suas próprias vidas, sem controle sobre o fantástico acúmulo de possibilidades materiais que produzem. A democracia dos Conselhos Operários, que decide tudo por conta própria, é o modelo já traçado para esta resolução. O movimento deste novo proletariado para se constituir como uma classe, sem a mediação de nenhuma direção, é toda a inteligência de um mundo sem inteligência. Os situacionistas declaram não ter interesses separados daqueles do movimento como um todo. Eles não estabelecem princípios particulares sobre os quais gostariam de modelar um movimento que seja real, que



esteja realmente acontecendo diante de nossos olhos. Nas lutas que se iniciam em vários países e sobre diversas questões, os situacionistas antecipam a totalidade do problema, sua coerência, sua unificação teórica e, portanto, prática. Enfim, nas várias fases que atravessa esta luta geral, eles representam constantemente o interesse do movimento total.

### ***Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays***

“Les révolutions prolétariennes... raillent impitoyablement les hésitations, les faiblesses et les misères de leurs premières tentatives, paraissent n'abattre leur adversaire que pour lui permettre de puiser de nouvelles forces de la terre et se redresser à nouveau formidable en face d'elles, reculent constamment à nouveau devant l'immensité infinie de leurs propres buts, jusqu'à ce que soit créée enfin la situation qui rende impossible tout retour en arrière.”

Marx (Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte).

Camarades,

L'écroulement en miettes de l'image révolutionnaire que présentait le mouvement communiste international suit avec quarante années de retard l'écroulement du mouvement révolutionnaire lui-même. Ce temps gagné par le mensonge bureaucratique, ajouté au permanent mensonge bourgeois, a été du temps perdu par la révolution. L'histoire du monde moderne poursuit son processus révolutionnaire, mais inconsciemment ou dans une fausse conscience. Partout des affrontements sociaux, mais nulle part l'ordre ancien n'est liquidé parmi les forces mêmes qui le contestent. Partout les idéologies du vieux monde sont critiquées et rejetées, mais nulle part “le mouvement réel qui supprime les conditions existantes” n'est libéré d'une “idéologie” au sens de Marx: les idées qui servent des maîtres. Partout des révolutionnaires, mais nulle part la Révolution.

L'écroulement de l'image benbelliste d'une demi-révolution algérienne vient de souligner maintenant cette déconfiture générale. Le pouvoir superficiel de Ben Bella représentait le moment de l'équilibre figé entre, d'une part, le mouvement des travailleurs algériens vers la gestion de la société entière et, d'autre part, la bureaucratie bourgeoise en formation dans le cadre de l'État. Mains dans cet équilibre officiel, la révolution n'avait rien pour réaliser ses objectifs, elle était déjà au musée, tandis que les possesseurs de l'État couverts par Ben Bella avaient tous les pouvoirs,

à commencer par l'instrument répressif de base qu'est l'armée, et jusqu'au pouvoir de jeter leur masque, c'est-à-dire Ben Bella. Deux jours avant le putsch, à Sidi Bel Abbès, Ben Bella joignait l'odieux au ridicule en déclarant que l'Algérie était "plus unie que jamais". Maintenant, il a cessé de mentir au peuple, et les circonstances parlent d'elles-mêmes. Ben Bella est tombé comme il a régné, dans la solitude et la conspiration, par *la révolution de palais*. Il est parti raccompagné par les gens mêmes avec qui il était venu: l'armée de Boumedienne qui lui avait ouvert la route d'Alger en septembre 1962. Cependant le pouvoir benbelliste entérinait les conquêtes révolutionnaires que la bureaucratie ne pouvait pas encore réprimer: l'autogestion. Les forces si bien cachées derrière le "Frère Musulman" Boumedienne ont ce but clair: liquider l'autogestion. Le mélange du jargon technocratique occidental et du pathos de l'ordre moral islamique renforcé, dans la déclaration du 19 juin, définit toute la politique du nouveau régime: "sortir du marasme général qui s'exprime déjà par une baisse de la productivité, une rentabilité économique décroissante et un désinvestissement inquiétant" ... "tenir compte de notre foi, de nos convictions et des traditions séculaires de notre peuple et de ses valeurs morales".

L'étonnante accélération de l'histoire de la démystification pratique doit servir maintenant à l'accélération de l'histoire de la théorie révolutionnaire. Une même société de l'aliénation, du contrôle totalitaire (ici c'est le sociologue qui vient d'abord, et là c'est la police), de la consommation spectaculaire (ici les voitures et les gadgets, et là la parole du chef vénéré), règne partout, malgré les variétés dans ses déguisements idéologiques ou juridiques. On ne peut comprendre la cohérence de cette société sans une critique totale, éclairée par le projet inverse d'une créativité libérée, le projet de la domination de tous les hommes sur leur propre histoire, à tous les niveaux. Ceci est la revendication en actes de toutes les révolutions prolétariennes, revendication jusqu'ici toujours vaincue par les spécialistes du pouvoir qui prennent en charge les révolutions, et en font leur propriété privée.

Ramener dans notre temps ce projet et cette critique inséparables (chacun des termes faisant voir l'autre), cela signifie immédiatement relever tout le radicalisme dont furent porteurs le mouvement ouvrier, la poésie et l'art modernes en Occident (comme préface à une recherche expérimentale sur la voie d'une construction libre de la vie quotidienne), la pensée de l'époque du dépassement de la philosophie et de sa réalisation (Hegel, Feuerbach, Marx), les luttes d'émancipation depuis le Mexique de 1910 jusqu'au Congo d'aujourd'hui. Pour cela, il faut d'abord reconnaître dans toute son étendue, sans avoir gardé aucune illusion consolante, le défaite de l'ensemble du projet révolutionnaire *dans le premier tiers de ce siècle* et son remplacement officiel, en toute région du monde aussi bien qu'en tout domaine, par des pacotilles mensongères qui recouvrent et aménagent le vieil ordre. La domination du capitalisme bureaucratique d'État sur les travailleurs est le contraire du socialisme, c'est la vérité que le trotskisme a refusé de voir en face. Le socialisme existe là où les travailleurs gèrent eux-mêmes directement la totalité de la société; il n'existe donc ni en Russie ni en Chine, ni ailleurs. Les révolutions russe et chinoise ont

été vaincues de l'intérieur. Elles fournissent aujourd'hui au prolétariat occidental et aux peuples du Tiers-Monde un faux modèle qui équilibre en réalité le pouvoir du capitalisme bourgeois, de l'impérialisme.

Reprendre ainsi le radicalisme implique naturellement aussi un approfondissement considérable de toutes les anciennes tentatives libératrices. L'expérience de leur inachèvement dans *l'isolement*, ou de leur retournement en mystification globale, conduit à mieux comprendre la cohérence du monde à transformer et, à partir de la cohérence retrouvée, on peut sauver beaucoup de recherches partielles constituées dans le passé récent, qui accèdent de la sorte à leur vérité (le contenu libérateur de la psychanalyse, par exemple, ne peut être ni compris ni réalisé en dehors de la lutte pour l'abolition de toute répression). L'appréhension de cette cohérence réversible du monde, tel qu'il est et tel qu'il est possible, dévoile le caractère fallacieux des demi-mesures, et le fait qu'il y a essentiellement demi-mesure chaque fois que le modèle de fonctionnement de la société dominante — avec ses catégories de hiérarchisation et de spécialisation, corollairement ses habitudes ou ses goûts — se reconstitue à l'intérieur des forces de la négation.

En outre, le développement matériel du monde s'est accéléré. Il accumule toujours plus de pouvoirs virtuels; et les spécialistes de la direction de la société, du fait même de leur rôle de conservateurs de la passivité, sont forcés d'en ignorer l'emploi. Ce développement accumule en même temps une insatisfaction généralisée et de mortels périls objectifs, que ces dirigeants spécialisés sont incapables de contrôler durablement. Le problème, fondamental, du sous-développement doit être résolu à l'échelle mondiale, d'abord par la domination révolutionnaire du surdéveloppement irrationnel des forces productives dans le cadre des diverses rationalisations capitalistes. Les mouvements révolutionnaires du Tiers-Monde ne peuvent réussir en eux-mêmes qu'à partir d'une contribution lucide à la révolution mondiale. Le développement ne doit pas être une course pour rattraper la réification capitaliste, mais la résolution de tous les besoins réels comme base d'un véritable développement des facultés humaines.

La nouvelle théorie révolutionnaire doit marcher au pas de la réalité, c'est-à-dire être à la hauteur de la praxis révolutionnaire qui s'amorce ici et là, mais encore partielle, mutilée et sans projet global cohérent. Notre langage, qui paraîtra peut-être fantastique, est celui-là même de la vie réelle. L'histoire ne cesse de le montrer, et toujours plus lourdement. Si dans cette histoire, ce qui est familier n'est pas pour autant connu, c'est parce que la vie réelle elle-même n'apparaît que sous une forme fantastique, dans l'image renversée qu'en impose le spectacle moderne du monde: dans le spectacle toute la vie sociale et jusqu'à la représentation de révolutions factices est écrite dans le langage mensonger du pouvoir et filtrée par ses machines. Le spectacle est l'héritier terrestre de la religion, l'opium du capitalisme parvenu au stade d'une "société d'abondance" de marchandises, illusion effectivement consommée dans la "société de consommation".

Aux explosions sporadiques de la contestation révolutionnaire répond une organisation internationale de la répression, dont la division des tâches s'opère à l'échelle mondiale. Chacun des blocs, ou des éclats centrifuges de blocs, assure dans sa sphère d'influence le sommeil léthargique de tous, le maintien d'un ordre qui reste fondamentalement le même. Cette répression permanente s'étend depuis l'expédition militaire jusqu'à la falsification plus ou moins complète que pratique aujourd'hui tout pouvoir constitué: "la vérité est révolutionnaire" (Gramsci) et tout gouvernement existant, même issu des mouvements les plus libérateurs, se fonde sur le mensonge à l'intérieur et à l'extérieur. C'est justement cette répression qui constitue la plus retentissante vérification de nos hypothèses.

Les tentatives révolutionnaires d'aujourd'hui, parce qu'elles ont à briser toutes les règles de fausses compréhensions imposées par la "coexistence pacifique" des mensonges régnants, commencent dans l'isolement, aussi bien dans tel secteur particulier du monde que dans tel secteur particulier de la contestation. Elles n'attaquent que l'aspect le plus immédiat de l'oppression, armées de la plus courte définition de la liberté. Ainsi elles rencontrent le maximum de répression et de calomnies (on les accuse de refuser un ordre existant en en approuvant forcément une variante existante), et le minimum d'aide. D'autant plus leur victoire est difficile, et d'autant plus leur victoire leur est facilement confisquée par de nouveaux oppresseurs. Les prochaines révolutions *ne peuvent trouver d'aide dans le monde qu'en s'attaquant au monde, dans sa totalité*. Le mouvement d'émancipation des Noirs américains, s'il peut s'affirmer avec conséquence, met en cause toutes les contradictions du capitalisme moderne; il ne faut pas qu'il soit escamoté par la diversion du nationalisme et capitalisme "de couleur" des "Black Muslims". Les ouvriers des U.S.A., comme ceux d'Angleterre, s'opposent par les "grèves sauvages" au syndicalisme bureaucratisé qui vise d'abord leur intégration au système capitaliste concentré et semi-planifié. C'est avec ces ouvriers, avec les étudiantes qui viennent de réussir la grève de l'Université de Berkeley qu'une révolution nord-américaine peut se faire; et pas avec la bombe atomique chinoise.

Le mouvement qui entraîne les peuples arabes vers l'unification et le socialisme a obtenu des victoires contre le colonialisme classique. Mais il est de plus en plus évident qu'il doit en finir avec l'Islam, force contre-révolutionnaire manifeste, comme toutes les idéologies religieuses; il doit admettre la liberté du peuple kurde; il doit en finir avec le prétexte palestinien qui justifie la politique dominante dans les États arabes, puisque cette politique se propose avant tout de détruire Israël, et qui la justifie à perpétuité, puisque cette destruction est impossible. C'est une *modèle de société révolutionnaire réalisé par les Arabes* qui, seul, peut dissoudre les forces répressives de l'État d'Israël. De même que la réussite d'un modèle de société révolutionnaire dans le monde marquerait la fin de l'affrontement, en majeure partie factice, entre l'Est et l'Ouest, de même finirait l'affrontement Israël-Arabes qui en est une reproduction minuscule.

Les tentatives révolutionnaires d'aujourd'hui sont abandonnées à la répression, parce qu'aucun pouvoir existant n'a intérêt à les soutenir. Aucune organisation pratique de l'internationalisme révolutionnaire n'existe encore pour les soutenir. On regarde passivement leur combat, et les bavardages illusionnistes de l'O.N.U. ou des spécialistes des pouvoirs étatiques "progressistes" accompagnent seuls leur agonie. A Saint-Domingue, les troupes des Etats-Unis ont osé intervenir en pays étranger pour appuyer des militaires fascistes, contre le gouvernement légal du kennediste Caamano, simplement par peur qu'il ne soit débordé par le peuple qu'il avait dû armer. Quelles forces dans le monde ont pris des mesures de rétorsion contre la présence américaine? Au Congo en 1960, les parachutistes belges, le corps expéditionnaire de l'O.N.U. et l'État sur mesure de l'"Union Minière" ont brisé l'élan populaire qui croyait avoir conquis l'indépendance; ils ont tué Lumumba et M'Polo. En 1964 les parachutistes belges, les avions de transport américains, et les mercenaires sud-africains, européens et cubains anti-castristes ont fait refluer la deuxième vague insurrectionnelle des mulélistes. Quelle aide pratique a fourni la prétendue "Afrique révolutionnaire"? Est-ce que mille volontaires algériens, vainqueurs d'une guerre bien plus dure, n'auraient pas suffi pour empêcher la chute de Stanleyville? Mais le peuple armé d'Algérie était depuis longtemps remplacé par une armée classique, affermée à Boumedienne, qui avait d'autres desseins.

Les prochaines révolutions sont placées devant l'effort de se *comprendre elles-mêmes*. Il leur faut réinventer totalement leur propre langage; et se défendre contre toutes les récupérations qu'on leur prépare. La grève des mineurs des Asturies, quasi-permanente depuis 1962, et tous les autres signes d'opposition qui annoncent la fin du franquisme ne tracent pas pour l'Espagne un avenir inévitable mais un choix: ou bien l'union sacrée que préparent en ce moment l'Eglise espagnole, les monarchistes, les "phalangistes de gauche" et les staliniens pour adapter harmonieusement l'Espagne post-franquiste au capitalisme modernisé, au Marché commun; ou bien la reprise et l'accomplissement de ce que la révolution vaincue par Franco et ses complices de tous bords, a eu de plus radical: les rapports humains du socialisme ont été réalisés, quelques semaines, à Barcelone en 1936.

Il s'agit pour le nouveau courant révolutionnaire, partout où il apparaît, de commencer à relier entre eux les actuelles expériences de contestation et les hommes qui en sont porteurs. Il s'agira d'unifier, en même temps que de tels groupes, la *base cohérente de leur projet*. Les premiers gestes de l'époque révolutionnaire qui vient concentrent en eux un nouveau contenu, manifeste ou latent, de la critique des sociétés actuelles, et de nouvelles formes de lutte; et aussi les moments irréductibles de toute l'ancienne histoire révolutionnaire restée en suspens, qui réapparaissent comme *des revenants*. Ainsi la société dominante, qui se flatte tant de sa modernisation permanente, va trouver à qui parler, car elle commence enfin à produire elle-même sa négation modernisée.

Vivent les camarades qui en 1959, dans les rues de Bagdad, ont brûlé le Coran!

Vivent les Conseils ouvriers de Hongrie, défaits en 1956 par l'Armée dite rouge!

Vivent les dockers d'Aarhus qui, l'année dernière, ont effectivement boycotté l'Afrique du Sud raciste, malgré la répression judiciaire du gouvernement social-démocrate danois et leur direction syndicale!

Vive le mouvement étudiant "Zengakuren" du Japon, qui combat activement le pouvoir capitaliste de l'impérialisme et celui de la bureaucratie dite communiste!

Vive la milice ouvrière qui a défendu les quartiers nord-est de Saint-Domingue!

Vive l'autogestion des paysans et des ouvriers algériens! L'alternative est maintenant entre la dictature bureaucratique militarisée et la dictature du "secteur autogéré" *étendu à toute la production et à tous les aspects de la vie sociale.*

Alger, juillet 1965.

## INTERNATIONALE SITUATIONNISTE

---

[Résumé de 1965]

La revue *Internationale Situationniste* est l'expression d'un groupe international de théoriciens qui, dans les dernières années, a entrepris une critique radicale de la société moderne: critique de ce qu'elle est réellement, et critique de tous ses aspects.

Selon les situationnistes, un modèle social universellement dominant, qui tend à l'autorégulation totalitaire, n'est qu'apparemment combattu par de fausses contestations posées en permanence sur son propre terrain, illusions qui, au contraire, renforcent ce modèle. Le pseudo-socialisme bureaucratique n'est que le plus grandiose de ces déguisements du vieux monde hiérarchique du travail aliéné. Le développement de la concentration capitaliste, et la diversification de son

fonctionnement à l'échelle mondiale, ont produit aussi bien la consommation forcée de l'abondance des marchandises, que le contrôle de l'économie et de tout la vie par des bureaucrates à travers leur possession de l'État; ou le colonialisme direct ou indirect. Bien loin d'être la réponse définitive aux crises révolutionnaires incessantes de l'époque historique ouverte depuis deux siècles, ce système est maintenant entre dans une nouvelle crise: de Berkeley à Varsovie, des Asturies au Kivu, il est réfuté et combattu.

Les situationnistes considèrent que la perspective indivisible de cette lutte, c'est l'abolition effective de toute société de classes, avec la production marchande et le salariat: le dépassement de l'art et de toutes les acquisitions culturelles, remis en jeu dans la création libre de la vie quotidienne, et de la sorte réalisés; la fusion directe de la théorie et de la pratique révolutionnaire dans une activité expérimentale excluant toute pétrification en des "idéologies", qui sont l'autorité de la spécialisation servant toujours une spécialisation de l'autorité.

Les facteurs qui posent ce problème historique, ce sont l'expansion et la modernisation rapides des contradictions fondamentales à l'intérieur du système existant; entre ce système et les désirs humains. Les forces qui ont intérêt à le résoudre, et qui en ont seules la capacité, ce sont tous les travailleurs sans pouvoir sur l'emploi de leur propre vie, sans contrôle sur l'accumulation fantastique des possibilités matérielles qu'ils produisent. La démocratie des Conseils ouvriers, décidant seule de tout, est le modèle déjà esquissé de cette résolution. Le mouvement de ce nouveau prolétariat pour se constituer en classe, sans la médiation d'aucune direction, est toute l'intelligence d'un monde sans intelligence. Les situationnistes déclarent qu'ils n'ont pas d'intérêts séparés de ceux de ce mouvement tout entier. Ils n'établissent pas des principes particuliers sur lesquels ils voudraient modeler un mouvement qui est réel, qui se produit effectivement sous nos yeux. Dans les luttes qui commencent en plusieurs pays et sur diverses questions, les situationnistes mettent en avant la totalité du problème, sa cohérence, son unification théorique et donc pratique. Enfin, dans les diverses phases que traverse cette lutte générale, ils représentent constamment l'intérêt du mouvement total.

## referências

DEBORD, Guy. *Correspondance vol. 4 (1969-1972)*. Paris: Fayard, 2004, p. 189-190.

*INTERNATIONALE SITUATIONNISTE*. Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays. In: *Internationale Situationniste*, n. 10, mar. Paris: [s.n.], 1966, p. 43-49. Disponível em: [https://www.larevuedesressources.org/IMG/pdf/internationale\\_situationniste\\_10.pdf](https://www.larevuedesressources.org/IMG/pdf/internationale_situationniste_10.pdf). Acesso em: 28/04/2021.

SITUATIONIST INTERNATIONAL. Adress to Revolutionaries of Algeria and of All Countries. In: KNABB, Ken (Org.). *Situationist International anthology*. Berkeley: Bureau of Public Secrets, 2006, p. 189-194.